

5

Análise e discussão dos resultados

Foram realizadas análises relacionando os discursos entre os membros da família (pai, mãe e adolescente) e, depois, optou-se por selecionar aquilo que foi mais freqüente nas diferentes falas dos adolescentes e dos pais. Esses conteúdos foram agrupados e formaram as três categorias de análise a seguir: percepções sobre a escolha profissional - visão dos filhos e dos pais; transmissão geracional na escolha da profissão e valorização das profissões tradicionais. A intenção foi identificar recorrências e contradições nos discursos dos entrevistados.

1. Percepções sobre a escolha profissional - visão dos filhos e dos pais

Na análise desta categoria, foram destacadas cinco subcategorias, uma referente às falas dos adolescentes (subcategoria a), outra referente às falas dos pais (subcategoria b) e três referentes às falas dos pais e filhos (subcategorias c, d, e).

a. Dificuldades na escolha profissional

Tanto A1 quanto A2 encontravam-se confusos em relação à escolha profissional e pontuaram o fato de só terem começado a pensar nesta escolha no 3º ano do ensino médio, como pode ser observado nos seguintes discursos:

“... eu comecei a pensar na verdade há pouco tempo... mesmo estando em cima do vestibular... comecei a pensar no 3º ano... porque até então eu não pensava, não tinha caído a ficha..” (A1, 17 anos).

“...eu já falei que eu queria ser arqueóloga, veterinária, nutricionista... mas agora estou ligada mais para alguma coisa manual, com criatividade, que são coisas que eu gosto desde criança e que eu vejo que tem em mim no dia a dia, então, alguma coisa ligada à moda, criatividade...” (A1, 17 anos).

“Comecei a pensar no ensino médio mesmo, pela pressão da escola mesmo” (A2, 17 anos).

“Já passou pela minha cabeça medicina e medicina veterinária, pois desde criança eu já gostava de mexer com bicho e tal, mas aí eu vi que mexer com bicho é diferente, você ver o bicho ali, você tratar dele e você mexer como se fosse pra brincar mesmo, por lazer...” (A2, 17 anos).

Segundo Lucchiari (1993), na passagem da adolescência para a vida adulta, existe a necessidade de optar por uma profissão, o que gera, muitas vezes, dúvida e insegurança, devido ao despreparo em que o adolescente se encontra.

A explicação dos adolescentes entrevistados do porquê da escolha de tais profissões era vaga e baseada nas vivências e na proximidade com o assunto. Eles demonstraram ter pouco conhecimento sobre a graduação referente às profissões citadas.

Para Filomeno (2005), o adolescente pode escolher uma profissão pela proximidade, por ter um conhecimento maior de tal área, por fazer parte do seu cotidiano e, desta forma, acabar pensando de que gosta da mesma, não procurando obter maiores informações sobre o curso e também sobre as outras possibilidades de escolha. Acaba havendo um desconhecimento sobre as graduações existentes e o mercado de trabalho.

Seguem os relatos das explicações dos adolescentes em relação a suas possíveis escolhas profissionais:

“Assim, arqueóloga, mais por eu ser curiosa com as coisas do passado, gostar de ver programas de televisão relacionados a estas coisas. A questão de ser nutricionista foi mais por causa da minha tia, que era nutricionista e eu ouvia ela ficar falando... e eu sempre fui de ficar vendo validade das coisas... E, da

veterinária, foi aquela coisa de criança, de gostar de bichos, mas não tem nada a ver comigo...”(A1, 17 anos).

“...optei por estes cursos por me relacionar bem com pessoas e tal, gostar de cuidar de pessoas, de animais, e claro por influência dos meus pais também, pois os dois são médicos” (A2, 17 anos).

Ambos falaram sobre o desconhecimento em relação ao mercado de trabalho e as diversas profissões existentes.

“Na verdade, eu não conheço praticamente nada... (risos) Porque existem milhares de profissões que você nunca nem ouviu falar, faz nem idéia se vai servir pra aquela profissão e que você pode gostar ou não... Você se vê perdido, porque tem muitas opções pra você escolher, e você só vai poder escolher uma de todas elas... é bem complicado” (A1, 17 anos).

“Realmente, não conheço muito não... das que eu conheço a melhor pra mim é a medicina, que eu vou ter que, lógico, vou ter que estudar bastante e tal, mas é a que eu mais me identifico. Por esta relação com pessoas... pra mim é a melhor” (A2, 17 anos).

Em seu relato, A1 pontuou a dificuldade de escolher só uma profissão e ter que deixar de lado todas as outras profissões que não foram escolhidas, precisando conviver com o luto pela não escolha das outras ocupações, que são igualmente interessantes. Filomeno (2005) relata que todo ato de escolher implica perdas, pois escolhem-se determinadas profissões em detrimento de outras. Para Teixeira e Hashimoto (2005), o adolescente pode não conseguir se decidir entre muitas ocupações, pois escolher somente uma, é deixar de viver todas as outras possibilidades.

A1 se queixou da dificuldade de escolher uma profissão tão jovem e conseguir refletir em relação ao seu futuro profissional. Além disso, há uma idéia de que a escolha da profissão é uma escolha para o resto da vida, não passível de mudança. Levenfus e Nunes (2002) observaram, em seus estudos, que os adolescentes fazem muitas referências a medos que são despertados pela situação

de escolha profissional, tais como, o medo de errar na escolha e ser infeliz ou de ter que mudar de curso.

A2 também relatou a dificuldade de escolher a profissão aos 17 anos e a pressão que recebe da família. Durante a entrevista, ele ria bastante, demonstrando certo nervosismo ao falar sobre algumas questões.

“... porque não tem como você saber... hoje, eu com 17 anos, o que eu quero fazer daqui a uns 40 anos. Impossível saber quais serão os meus gostos em tal idade... não tem como saber o que você vai querer, o que você vai estar pensando, então, é uma escolha que eu vou ter que fazer aqui, nesta idade, com 17 anos, pro resto da minha vida...” (A1, 17 anos).

“É difícil escolher, (risos) muito difícil, muita pressão dos pais, qualquer lugar que você vai alguém pergunta: Vai fazer o que? Qualquer coisa... avó, a família toda, a empregada, (risos) todo mundo pergunta: O que você vai fazer no vestibular? E você não sabe, tem que escolher de qualquer jeito, é difícil, muito difícil” (A2, 17 anos).

De acordo com Lucchiari (1993), neste momento de escolha profissional, as expectativas e os desejos da família vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente pode ficar confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos.

Ambos relataram que grande parte dos seus colegas estão “perdidos” e não sabem por qual profissão optar. A1 utiliza a palavra “também” ao se referir que os amigos estão “perdidos”, demonstrando a sua insegurança em relação a esta escolha.

“... eles também estão perdidos... têm aqueles que já sabem desde criança o que vão fazer, né? Mas assim, eu acho que a maioria se encontra na dúvida também, pelo menos duas faculdades que eles gostam ou que a família quer que faça...”(A1, 17 anos).

“A maioria está decidindo, está no mesmo barco que eu, já decidi, mas não sabe o certo, está meio decidido (risos), e tem outros que estão completamente voados,

não sabem o que vão fazer, não sabem nem quantas profissões existem, não sabem do que gostam e tal, mas eu acho que não é um problema da pessoa, mas de não saber mesmo, de não saber do que gostam” (A2, 17 anos).

b. Preocupação com a escolha profissional dos filhos

Os pais de A1 demonstraram uma preocupação com a demora da filha em pensar sobre sua escolha profissional. P1 pontuou sobre o incentivo que deu a A1 em relação às questões de arte e de decoração e o fato de ela acompanhá-lo nos trabalhos manuais, por ele ter um grande interesse nesta área.

“... A1, em especial, ela me preocupa um pouco, porque eu vejo ela completamente perdida na escolha profissional. Eu não vejo interesse... a pessoa quando ela tem interesse, ela lê, procura saber o que você faz, o que os pais fazem... Mas, ela nunca externou nenhuma vontade absoluta de nada, nada, nada. Ela é completamente esquecida, então, isso me causava uma angústia muito grande.” (M1, 47 anos).

“O que eu a incentivava muito era nas questões de arte, de decoração. Como eu também sou muito voltado para trabalhos manuais, ela me acompanhava. Então, eu fazia as coisinhas e ela sempre me ajudando e a gente ia se divertindo e brincando” (P1, 48 anos).

Já, M2 gostaria que o filho escolhesse medicina, para poder ajudá-lo na hora de procurar um emprego. Relatou, também, a dificuldade que tem para ajudar a filha mais velha, que escolheu uma profissão diferente da medicina.

“Eu gostaria que ele escolhesse medicina pela facilidade que ele teria da gente ajudar. Porque, hoje em dia, o campo está difícil, até em outras áreas eu acho muito mais difícil da gente ajudar... e escolhendo medicina, ele teria mais possibilidade da nossa ajuda pra iniciar a carreira, só por isso. Não porque tem que ser medicina, porque é a melhor profissão do mundo, nada disso, é só porque é uma questão da gente poder ajudar ele. Porque eu tenho outra filha que escolheu outra profissão e a gente não consegue ajudar, apesar de ser da área de

saúde, a gente não consegue colocar ela numa situação estabilizada” (M2, 53 anos).

Assim como foi discutido por Soares (2002), pode-se perceber que a família, ao incentivar, desde criança, certos comportamentos e atitudes e reprimir outras manifestações, já começa a interferir no processo de apreensão da realidade, determinando em parte seus interesses. As expectativas em relação ao futuro profissional estão carregadas de afetos, emoções, medos e inseguranças que são tanto do adolescente quanto de seus familiares mais próximos. Sendo assim, os processos afetivos vividos no núcleo familiar acabam condicionando o tipo de escolha profissional realizado por um dos membros da família.

c. Desvalorização de determinadas profissões

De acordo com Filomeno (2005), o adolescente pode estabelecer conceitos, valores e preconceitos sobre determinadas profissões, baseado no que escuta e vê dentro de casa.

No decorrer da entrevista, A1 demonstrou um preconceito em relação ao curso de moda, dizendo que este não é uma graduação para ser feita como primeira opção e sim como segunda opção. Esta visão parece ser influenciada pelo fato de nenhuma das donas da confecção de sua mãe ter nível superior em moda.

“eu não queria fazer moda como uma primeira faculdade, até porque eu tenho outras faculdades que eu posso no final ligar à moda... fazer uma especialização em moda, que não é um campo que eu preciso fazer realmente uma faculdade especializada nisso, eu posso seguir no final de uma outra faculdade...” (A1, 17 anos).

“por exemplo, eu poderia fazer uma faculdade de arquitetura e no final seguir para um ramo da moda. Eu falo isso porque minha família tem uma confecção. Então, eu sei que lá tem quatro donas e nenhuma delas fizeram moda. Então, assim, dá pra eu ver que não há necessidade de eu fazer uma faculdade de moda, para eu trabalhar com moda”. (A1, 17 anos).

Ao ser questionada sobre o porquê da moda ser uma segunda opção de faculdade, A1 não soube responder. E, pontuou o seu desconhecimento em relação às áreas de trabalho dentro deste campo profissional.

“Porque na verdade eu não sei... eu botei isso na minha cabeça, que eu não gostaria que fosse a primeira... porque eu acho que é um campo muito instável... eu não sei com o que trabalhar na moda... eu não tenho total conhecimento das áreas em que eu posso atuar dentro dela” (A1, 17 anos).

Já, o pai de A2 deseja que o filho escolha a medicina e, em seu discurso, desvaloriza a outra opção do adolescente, que é a medicina veterinária.

“Bom, ele quer fazer a área biomédica, eu não sei se por influência da gente né? Mas ele queria fazer veterinária... Eu sou muito objetivo em termos de realização profissional. Eu acho que se você puder ser médico, não vai ser veterinário, né? Eu imagino assim, (risos)” (P2, 55anos).

“Você vai imaginar: o cara é feliz sendo veterinário? Se você me mostrar um universo grande de pessoas que são felizes sendo veterinário, que tem uma realização profissional boa, que tenha poder aquisitivo, que você possa correr atrás de alguma coisa ,isso é complicado hoje em dia... E já que gosta da área biomédica, gosta de tratar de seres vivos, porque não ser médico? Faz um sacrifício um pouco mais, né? Tem a questão financeira também, né?” (P2, 55anos).

P2 valoriza a medicina e desvaloriza a profissão da filha, comentando que o dentista nada mais é que um bom artesão. Ressaltando que a medicina é uma profissão mais técnica.

“A medicina é uma especialidade, é uma profissão extremamente técnica, você tem que ter conhecimento de causa pra fazer alguma coisa, diferente um pouco da odontologia, lógico dependendo da especialidade que você fizer, mas o clínico o cara que vai lá e faz o tratamento do dentinho, ele nada mais é que um bom

artesão. Se ele tiver uma mão boa, ele vai fazer um bom trabalho, dominou aquilo ali, não tem muito mistério” (P2, 55anos).

Muitas vezes, a estrutura familiar pode criar impedimentos à livre escolha, tanto de forma explícita, quando os pais falam do desejo de que o filho siga uma determinada profissão, ou de maneira mais sutil, através de opiniões expressas pelos pais sobre algumas profissões e carreiras, como nos relatos acima. Pode ser, também, uma influência indireta e implícita, onde o sujeito vai-se construindo dentro de um núcleo familiar com conceitos sobre determinadas profissões.

d. Fatores importantes ao optar por uma profissão

Soares (2002) apresenta vários fatores que interferem no momento da escolha profissional, dentre eles, fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Dentro das possibilidades existentes, o adolescente opta por uma profissão baseado naquilo que ele considera mais relevante e que deve ser levado em consideração nesta escolha. As opiniões familiares também são importantes e exercem influência na seleção destes fatores.

A1 acredita que os pais consideram o fato de gostar da profissão e o retorno financeiro, como sendo os dois fatores mais importantes na escolha do curso de nível superior.

“... gostar do que eu irei fazer, eu me sentir bem fazendo, eu acho que é isso que eles acham mais importante. Não que eles se preocupem com... eles se preocupam sim com o dinheiro, como eu vou sobreviver... eles não querem que eu passe dificuldades, escolhendo uma profissão que não tem campo de trabalho ou que receba muito pouco. Eles se preocupam sim, mas não falam tanto” (A1, 17 anos).

A2 comentou sobre o fato de a mãe valorizar muito o retorno financeiro. Já sobre o pai, disse não saber o que ele considera mais importante na escolha da profissão.

“...mas minha mãe com certeza falaria ter dinheiro, minha mãe com certeza falaria do lado financeiro, agora meu pai, eu acho que eu não sei não, eu acho que ele falaria pra eu escolher: Escolhe aí!” (A2, 17 anos).

Para A1, o mais importante é ela gostar da profissão escolhida. Desta forma, o discurso da adolescente é baseado no seu desejo.

“Pra mim... é eu gostar do que vou fazer. Porque eu, sinceramente, quando eu penso numa coisa, eu não penso no dinheiro. Nunca nem pensei... qualquer das opções que eu tive de profissão, nunca vi quanto que ganha, quanto que vai ser o retorno financeiro. Claro que é importante, mas eu sinto que eu não me importo tanto com isso” (A1, 17 anos).

Segundo A2, o mais importante na escolha da profissão é conseguir unir o prazer ao retorno financeiro.

“...claro que eu gosto de ter conforto, de ter uma boa situação financeira e se isso for preciso ter dinheiro... lógico, precisa ter dinheiro pra isso. E, sendo assim, pra mim o importante é ter dinheiro, mas lógico que também trazendo o prazer de trabalhar com aquilo que eu gosto, já que eu gosto um pouco, né? Pra mim, o mais importante seria esses dois, o prazer ligado ao lado financeiro” (A2, 17 anos).

M1 citou dois fatores: a identificação com determinada matéria e as habilidades predominantes na pessoa. No entanto, parece não enxergar as habilidades de A1, que poderiam ser relacionadas ao curso de moda.

“...aquilo que você se identifica, que você tem a famosa habilidade. Pra mim, isto é um grande indicador, pode ser que eu me engane, mas eu acho que você percebe as pessoas... se você perceber, na verdade, na escola, é aquilo que tendenciava mais para aquele campo ali. A irmã de A1 escolheu Direito e ela gostava muito de história, cinema e um pouco de geografia...” (M1, 47 anos).

P1 acredita que o mais importante seja a satisfação pessoal.

“Primeiro, a sua satisfação pessoal. Porque você trabalhar naquilo que você não gosta é muito ruim. Eu, hoje, trabalho no que gosto. Embora, eu tenha horror do direito. Mas trabalho no que gosto, porque eu atuo dentro de uma área onde eu tenho afinidade. Eu trabalho com isso há 29 anos.” (P1, 48 anos).

Ao serem questionados sobre o que deve ser levado em consideração na hora de escolher uma profissão, M2 e P2 pontuaram o fato de gostar da profissão e o retorno financeiro. M2 enfatiza a importância do “ganhar dinheiro” e a possibilidade de ela ajudar os filhos que seguirem sua profissão. Vale ressaltar que M2 inicia o discurso se questionando se ainda existem a área de exatas e humanas, enaltecendo ainda mais a área biomédica, especificamente, a medicina, que é tão valorizada dentro da F2.

“Eu acho assim que você deveria escolher a área biomédica, humana ou tecnológica... eu acho que, hoje em dia, não tem mais humana e tecnológica, né? Ver para o que você gosta mais. E daí, dentro daquilo que você gosta mais, eu acho que teria que ser assim... eu não sou muito sonhadora, eu sou mais prática, eu não vou escolher uma coisa que não vai me render um lucro, porque se é profissão é pra eu ganhar minha vida, né? Então, não adianta eu ficar só sonhando” (M2, 53 anos).

“Qual a área que tem mais campo de trabalho? Eu acho que teria que ser assim, aí os pais podem ajudar. Se eu fosse engenheira e tivesse como ajudar ele a iniciar na Engenharia, tudo bem, mas como eu sou Médica, eu tenho mais chance de encaminhar ele na Medicina. Na prática é muito penoso você conseguir alguma coisa dentro de algumas profissões, né?” (M2, 53 anos).

“Um primeiro fator é gostar né? Não adianta você querer ser médico, se você não gosta de lidar com perda, se não gosta de ver sangue, se você tiver uma deficiência incapacitante, né? O segundo fator é o dinheiro. Se você conversar com todos os médicos, todos eles vão dizer que: Pô, a gente trabalha muito, a gente está sacrificando e tal”. Mas ainda é o único lugar que me dá essa opção

de ter cinco empregos. Então, eu acho que o retorno, no final das contas, vale a pena sim” (P2, 55anos).

e. Satisfação X Insatisfação profissional (dos pais)

De acordo com Bohoslavsky (1991), os valores do grupo familiar constituem bases significativas na escolha do adolescente, podendo a família atuar como grupo positivo de referência ou não. Desta forma, as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares significativos, com relação ao seu próprio trabalho, irão exercer um papel importante na percepção que o adolescente formará em relação a estas carreiras.

Andrade (1997), em seu estudo, constatou que o nível de satisfação dos pais com suas profissões exerce influência na motivação do jovem para com a sua escolha profissional.

P1 ao ser questionado sobre o que mudaria no seu percurso profissional, se tivesse a possibilidade de fazer uma nova escolha, relatou que gostaria de ser arquiteto.

“Se eu pudesse voltar no tempo, eu gostaria de ter passado para arquitetura. Eu gostaria de hoje ser um arquiteto, porque é o que eu gosto de fazer. Tanto é que a minha casa não pára um minuto (risos), numa decoração só, eu estou sempre mudando, quem muda sou eu! Minha mulher chega e eu já mudei tudo!” (P1, 48 anos).

“No futuro, se eu pudesse, eu vou ainda entrar para uma carreira de arquitetura e fazer a minha arquitetura, de hobby, aí vai ser hobby mesmo. Não a engenharia civil não, eu vou fazer a arquitetura, porque é mais a minha cara, é mais a minha praia, entendeu?” (P1, 48 anos).

Em alguns momentos, M1 demonstrou uma insatisfação com a sua profissão atual.

“...mas se você perguntar se eu sou feliz, eu não tenho... quando você trabalha por conta própria, você trabalha muita coisa... você não tem noção do quanto

você trabalha... eu não tiro férias... eu tenho o meu horário flexível, mas assim... eu busco uma felicidade...” (M1, 47 anos).

“...eu ganho muito mais dinheiro do que eu ganhava antes, obviamente, mas uma felicidade... se você me perguntar de uma felicidade, como eu trabalhava e eu era... não é verdade” (M1, 47 anos).

M1 ao ser questionada sobre qual escolha faria se tivesse uma nova possibilidade, respondeu que não começaria a trabalhar com roupa.

“Não seria esta a minha opção de começar com roupa, por exemplo. Eu acho que eu faria tudo do jeito que eu fiz de novo. Como eu gostaria que as minhas filhas fizessem, começar trabalhando... infelizmente, eu não tive a oportunidade que elas estão tendo hoje, que é uma escola particular, por isso que eu fico, assim, muito chateada quando A1 não aproveita.” (M1, 47 anos).

M1 relatou que se tivesse tido a oportunidade de estudar que as filhas têm, estaria se preparando para concursos públicos e nunca teria ido para moda. Talvez, seja esta a dificuldade de aceitar A1 escolhendo a faculdade de moda, pois se ela pudesse, não atuaria nesta área e a filha tem a possibilidade de estar em qualquer outro lugar, no entanto, está optando por trabalhar na confecção.

Já, A2 percebe que os pais gostam da profissão que exercem, apesar de achar que eles estão cansados e estressados com algumas situações.

“... que eles gostam lógico, eles gostam muito de trabalhar, mas sempre se vêem muito cansados, muito estressados com algumas situações que acontecem no trabalho mesmo, mas mesmo assim eles gostam, eu acho” (A2, 17 anos).

M2 e P2 relataram que estão satisfeitos com a profissão que exercem, no entanto, M2 se queixou bastante da remuneração.

“Olha, eu gosto muito de atender, eu não gosto dessa coisa burocrática. Já, por exemplo, o P2, ele gosta da coisa burocrática, eu prefiro atender o paciente.

Agora em termos da remuneração e do nível de estresse, de responsabilidade em comparação com a remuneração é que está batendo muito, está ridículo, né? Então, o que me deixa triste é a remuneração. Mas, fora a isso, eu gosto de clinicar mesmo. Agora, a remuneração que não é tão boa...” (M2, 53 anos).

“Estou satisfeito sim. E tantas vezes eu vivesse, tantas vezes eu seria médico. Eu seria médico sempre. Não haveria outra escolha. Eu faria até arqueologia, uma paleontologia, porque eu gosto muito de ler sobre isso, eu gosto de entender todas as gerações, eu gosto de saber. Pra viver, não (risos) – Deus me livre viver disso!!” (P2, 55anos).

Ao ser questionada sobre qual profissão escolheria, caso tivesse a possibilidade de fazer uma nova escolha, M2 respondeu que optaria pela medicina novamente.

“Eu escolheria a medicina mesmo, eu estou muito satisfeita, não escolheria outra coisa, não me vejo fazendo mais nada, a não ser medicina, só como hobby fazer artesanato ou jardinagem (risos), fora isso nada, não tem nada” (M2, 53 anos).

Segundo Filomeno (2005), o sucesso, o fracasso, as dificuldades, a satisfação ou insatisfação dos pais pode contribuir para que o adolescente construa uma imagem destas profissões. Isso é visível em ambas as famílias, no decorrer das entrevistas.

2. Transmissão geracional na escolha da profissão

Através do discurso dos entrevistados, foram identificadas, nesta categoria, duas subcategorias: a preocupação com a herança dos bens profissionais e a transmissão geracional dos valores, da tradição e das habilidades profissionais.

a. Preocupação com a herança dos bens profissionais

Em relação à herança da confecção de roupas de M1, a família 1 apresenta um discurso contraditório e ambíguo, pois ao mesmo tempo em que ficariam

felizes caso a filha desse continuidade ao trabalho da mãe, se preocupam com o futuro profissional de A1, caso ela opte pela graduação em moda.

Isso aparece de forma confusa no discurso de A1, pois ao ser questionada sobre o fato de a sua mãe ter uma confecção, apresenta uma fala paradoxal, já que havia relatado, em discurso anterior, que conhecia pouco sobre a moda e, no entanto, na fala seguinte, constata que conhece bem as áreas de atuação dentro desta graduação.

“...eu nunca tinha pensado em fazer moda... mas eu vi que é uma profissão que envolve a criatividade e os trabalhos manuais, com eu tinha falado antes. E, assim, por eu conhecer, por eu estar sempre no meio, pela minha família ter a confecção, eu já conheço mais sobre esta faculdade, né...” (A1, 17 anos).

A adolescente relata a sua proximidade com o trabalho exercido pela mãe.

“... é o que eu estou mais próxima, é o que eu estou vivendo... eu tenho um conhecimento de como funciona, de como é este trabalho” (A1, 17 anos).

A1 relatou com entusiasmo sua proximidade com o campo da moda e as visitas que fazia à confecção da sua mãe, quando era menor. Era perceptível a alegria e a mudança no seu semblante, quando falava da área da moda.

“...eu gostava de estar lá no meio... eu sempre gostei de estar lá, vendo como fazia, como é que criava roupa, como é que minha tia entrava em contato com o pessoal da loja, como eles queriam as roupas, pedindo os detalhes...” (A1, 17 anos).

Parece que A1, acabou optando pela moda, pois além de estar próxima desta área de trabalho, tem a possibilidade de dar continuidade à confecção de sua mãe e, também, “dar conta” do desejo do pai de ficar próximo da arte, pois P1 não conseguiu ainda realizar seu sonho de fazer arquitetura, profissão que acredita poder reunir criatividade e trabalhos manuais.

A1 pontuou a satisfação da família em ter alguém para dar continuidade à confecção da mãe. Logo em seguida, A1 justifica que não é pelo fato de sua mãe ter uma confecção, que ela está optando pela moda.

“Eu falei da moda, eles apoiaram, falaram que ia ser legal fazer moda, pela minha família já ter um empreendimento e por eu no futuro poder dar continuidade a isso. Mas, não é por isso que eu estou querendo fazer, porque eu sei que se eu não fizer, com certeza vai ter outra pessoa pra tomar conta da empresa. Então, eu não me sinto nem um pouco influenciada por isso... mas eu acho que eles acham que a moda tem a ver comigo...” (A1, 17 anos).

O desejo de M1 de ter alguém da família para dar continuidade à confecção é passado às filhas, através de seu discurso e comportamentos. A1 está recebendo uma herança e precisa saber como lidar com ela, pois parece existir um compromisso internalizado de dar continuidade a tal trabalho.

Segundo, Gabel e Soares (2006), as expectativas podem ser cumpridas por compromissos de lealdade internalizados e, a partir do momento em que é internalizada, a lealdade passa a ser não só uma característica individual, mas também uma atitude individual.

A adolescente falou sobre o envolvimento de toda a família no trabalho que é desenvolvido na confecção da mãe.

“... a filha dela trabalha para confecção, a família toda é envolvida neste meio...” (A1, 17 anos).

“... a família toda não... assim... todo mundo ajuda na confecção. Por exemplo, quando está em época que tem que ter muita produção, aí não dá tempo, tem que virar a noite, aí todo mundo ajuda, leva pra casa, aí vai terminando a roupa...” (A1, 17 anos).

A1 ressaltou o fato de não ter uma pessoa da família para assumir os negócios da mãe, ficando reflexiva sobre o papel que ela representa ao dar continuidade à confecção.

“... por enquanto não teria, por todos os meu primos estarem começando agora a fazer uma faculdade, a fazer uma escolha, todos têm a mesma idade que eu” (A1, 17 anos).

No decorrer da entrevista, M1 demonstrou uma preocupação com a continuidade da confecção.

“... por incrível que pareça a minha sócia também não dá a mínima força para a filha dela fazer moda... Pergunto para ela: “as suas filhas pensam? Porque a gente já está meio velha e tal...” ela fala: “de se envolver aqui? Nem pensar, nem eu quero que elas se envolvam aqui!”. Então, as filhas da minha sócia nem se interessam por nada de lá. Uma é analista numa grande empresa e a outra fez direito. Estão super bem, estão encaminhadas na vida.” (M1, 47 anos).

Apesar de não incentivar que a filha faça o curso de moda como primeira opção, M1 expressa um discurso contraditório, pois em alguns momentos manifestou o interesse de que sua filha assuma o trabalho desenvolvido na confecção.

“Se A1 quiser ir trabalhar com a gente lá vai ser ótimo, ela não pode é trabalhar comigo, né? Porque a gente meio que briga, assim. Mãe e filha né?” (M1, 47 anos).

“... Mas, assim, claro que ela lá tem uma porta de entrada, a empresa já existe, né. A gente precisa de pessoas como A1 pra poder ajudar a gente lá. Está saindo uma menina que é o braço direito lá, está pedindo pra sair, porque é muita pressão, muita pressão” (M1, 47 anos).

Em determinado momento da entrevista, M1 reclamou da falta de envolvimento da irmã de A1 nos assuntos relacionados à confecção, demonstrando um interesse de que ela participasse mais do seu trabalho. Inclusive, deixou claro o desejo de que as filhas herdem o seu negócio. No

entanto, a irmã de A1 optou pelo direito, carreira do pai, restando para A1 o compromisso de seguir a carreira da mãe.

“Mas eu acho assim que a irmã de A1 tem que se interessar um pouco mais pelo meu negócio. Ela nem quer saber de nada, é igual às filhas da minha sócia. A1 já se interessa um pouco mais. Mas, a irmã dela não quer saber nada. Eu falo: e se acontece alguma coisa? Vocês que vão ter que assumir, não é? Vai deixar na mão delas?” (M1, 47 anos).

Ao mesmo tempo em que fala sobre o interesse de ter alguém da família para dar continuidade ao trabalho na confecção, M1 relata a sua preocupação em relação à filha trabalhar neste ambiente, devido ao excesso de trabalho e a agitação do dia-a-dia. Comentou sobre o grande estresse do cotidiano da fábrica.

“... porque lá é muita agitação, é grito, tem que berrar com funcionário... É uma fábrica: “Vamos, vamos, vamos a entrega está atrasada, sabe estas coisas?” e a minha irmã entrega na mão de um funcionário e quando vai ver não está pronto, ela tem que se meter... é uma loucura, gente! Eu digo que é fábrica de loucos. Então, eu fico imaginando as minhas filhas, A1, assim, tão interessada nisso, será que ela vai gostar?” (M1, 47 anos).

M1 disse ficar desesperada quando vê a filha falar que pretende fazer moda. Comentou que não fala nada, no entanto, através da transmissão, estes desejos são passados de forma implícita, por intermédio de seus comportamentos, discursos equivocados e atos-falhos. Desta forma, A1 fica cada vez mais insegura e indecisa, pois o discurso da mãe é bastante contraditório, no sentido do desejo de ela receber ou não a herança da confecção.

“Eu fico desesperada! Eu não falo nada, eu vou dar força, né? Mas, é meio desesp... mas quem sabe, ela consegue é... fazer uma ordem que a gente não está conseguindo né. Assim... neste crescimento” (M1, 47 anos).

Já na F2, M2 explicou que o seu pai tinha muito desejo de que algum filho se formasse em Medicina. Ele entrou como sócio em um hospital e o seu desejo era de que algum de seus filhos desse continuidade a este negócio.

“...porque ele inclusive estava entrando de sócio num hospital, então, ele sempre falava: Ah, porque isso aqui vai ser dos meus filhos, quem fizer Medicina! E acabou só eu mesma fazendo medicina” (M2, 53 anos).

b. A transmissão geracional dos valores, da tradição e das habilidades profissionais

A1 falou sobre o fato de a irmã ter escolhido direito e ser a profissão de seu pai. Relacionou a escolha da irmã ao fato do pai ter se graduado nesta área, além disso, pontuou que os pais ficaram felizes com a escolha da irmã.

“Esta idéia dela fazer direito tem relação com o meu pai, de estar vendo ele trabalhando, talvez por ela se interessar, por esta questão do direito, de julgar... eu acho que tem a ver com ela sim...” (A1, 17 anos).

“Ela escolheu Direito, que é a mesma profissão do meu pai, né. Ela, a vida toda, falou que ia querer fazer direito. A vida toda não, acho que quando ela era criança, ela não falava. Mas, ela já era certa de que ela iria fazer direito Eu já não sou assim, eu não quero fazer direito” (A1, 17 anos).

No relato acima, a adolescente pontua que não tem interesse em fazer direito e diferencia-se da irmã. Veremos que na entrevista do pai, ele dá grande valor ao curso de direito, achando que todos que estão perdidos em suas escolhas, deveriam fazer esta faculdade. A1 parece não se sentir culpada por não optar por este curso, pois sua irmã já fez esta opção.

A1 também falou sobre o fato de a irmã nunca ter questionado a escolha pelo curso de direito.

“Nunca questionou. Era o direito e ela fez direito. Nunca questionou” (A1, 17 anos).

Ao falar sobre a escolha profissional da irmã de A1, P1 comentou sobre o fato de ter gostado por ela ter feito a mesma opção que ele. Vale ressaltar o quanto que P1 valoriza o curso de direito. Provavelmente, esta valorização foi passada para as filhas, desde pequenas. Segundo Piva (2006), o herdado apóia-se em diferentes vias de transmissão, como por exemplo, o próprio discurso familiar. A identidade do sujeito irá se constituir a partir deste legado familiar que irá definir o lugar que ele assumirá na família.

Como ressaltava Filomeno (2005), a valorização ou a desvalorização de determinadas profissões, ouvidas desde a infância, irão influenciar no momento da escolha profissional do adolescente. Ele acaba optando por uma profissão que esteja relacionada aos valores de sua família, pois desde pequeno estes ideais foram internalizados.

Segue a fala de P1 sobre o fato de a irmã de A1 ter escolhido a mesma profissão dele.

“eu adorei né! Adorei porque a gente pode conversar, a gente pode bater papo. É bacana. A gente vê que um filho segue mais ou menos a linha que você seguiu. Embora, eu não tenho orgulho em nada de ser advogado, eu tenho muito orgulho de ser quase um engenheiro, entendeu?(risos) É um pouco conflitante isto (P1, 48 anos).

P1 pontuou que não influenciou a filha a optar pelo curso de direito e tentou deixar claro que não teve nada a ver explicitamente com esta escolha, mas que ficou muito feliz por ela ter escolhido tal graduação.

“A escolha foi dela! Dela! Eu não influenciei, não influenciei em nada. Ela foi amadurecendo, amadurecendo, amadurecendo, e por fim, escolheu direito” (P1, 48 anos).

Vale ressaltar o trocadilho de P1 com a palavra direito, no sentido de que, segundo ele, depois que a filha amadureceu, ela conseguiu escolher corretamente, direito. E esta escolha é pelo curso de direito.

Ao ser pontuado sobre o fato de a irmã de A1 ter feito a mesma graduação que o pai, M1 disse que as duas são muito parecidas com o pai, mas que a irmã de A1 é mais ainda.

O interessante da próxima fala é o fato de a irmã de A1 ter dado continuidade ao trabalho do pai, se identificando com ele e A1, estar dando continuidade aos negócios da mãe, no entanto, também se identificando com o pai, através do artístico e da criatividade. O interesse de A1 não é pela administração da confecção, que é o trabalho de sua mãe, e sim, pela criação, pela parte de estilismo e design de roupas.

“...as duas, elas são muito parecidas com o pai. A1, ela é muito parecida comigo, mais extrovertida, mais falante e a irmã dela é mais parecida com o pai. Mas, assim, tudo ela endeusa o pai... P1 é um Deus. Todas as duas admiram muito ele. Acho que elas me admiram também. Mas, a irmã de A1 têm uma admiração mais pelo pai. Estas coisas da profissão, do crescimento,... eu sei que A1 admira o meu trabalho também, mas ela não quer a parte que eu faço, ela quer a outra de moda, né” (M1, 47 anos).

De acordo com Lucchiari (1997), o filho pode se tornar depositário das aspirações que os pais não conseguiram realizar, assumindo o papel de responsável por atuar numa profissão que seus pais, por algum motivo, não puderam seguir. Para Teixeira e Hashimoto (2005), o sujeito pode se manter herdeiro dos sonhos insatisfeitos, dos recalamentos e das renúncias que são transmitidas através dos discursos, das fantasias e da própria história familiar.

Em sua entrevista, P1 fala sobre o seu interesse pela arquitetura e o fato de achar que A1 tem alguma aptidão para esta área. P1 parece demonstrar implicitamente o desejo de que a filha optasse pela arquitetura, para poder realizar o seu sonho, que até o momento não pôde realizar.

“Porque eu sempre gostei muito desta parte de construir, então, eu sempre fui muito ligado a isso. E na parte manual... A1 tem tudo a ver pra ser na área de

arquitetura, engenharia, só que ela não se afina com esta coisa de casa, de planta, de desenho,... Ela tem um pouquinho deste perfil e ao mesmo tempo, eu não vejo alguns detalhes que são fundamentais. Então, como sempre gostei de fazer obra, de consertar, de estar junto do meu tio...” (P1, 48 anos).

Assim como foi discutido por Gomes (2007), em seus estudos, pode-se observar que a história familiar herdada das gerações anteriores está presente na formação do psiquismo do sujeito. Então, dependendo de como ele a recebe, pode tornar-se herdeiro ou prisioneiro de tal herança.

No discurso de P1, aparece a transmissão geracional da habilidade manual, ao relatar o trabalho que realizava com o tio na marcenaria e também o interesse do seu pai por obras.

“... eu tenho um padrinho que é marceneiro e ele trabalhava nos fundos da casa dos meus pais. Eu saía do colégio, ia pra oficina dele e eu, literalmente, ficava trabalhando com ele. Ajudando na feitura de móveis, então, eu já tinha esta afinidade com construir coisas” (P1, 48 anos).

“... por outro lado, meu pai fazia muita obra em casa, aí, eu sempre estava junto, ajudando. Meu pai era operário e ele fazia as coisas em casa. No final de semana, ele consertava, ajeitava e eu estava junto com ele... Estas coisas eram um atrativo pra mim. Então, por isso que eu escolhi no curso técnico, no 2º grau, a construção civil” (P1, 48 anos).

“Trabalhei também com um tio, que também era meu padrinho, que tinha uma fábrica de casas pré-fabricadas. E eu, então, entrei fazendo os projetos”. (P1, 48 anos).

P1 também relatou a frustração do tio ao saber que ele ia largar o trabalho na área de construção para trabalhar no serviço público. Afinal, romperia com a cadeia da transmissão.

“...o meu padrinho da área de construção ficou um pouco frustrado, triste, porque eu saí, ele ficou muito triste. Mas, um ano depois, faliu tudo dele. E eu dei

graças a Deus que eu tinha saído, né. Porque eu ainda fiquei na dúvida, se eu ia pro serviço público ou se continuava com ele. Ele ficou chateado comigo, ficou até muito chateado mesmo” (P1, 48 anos).

M1 falou sobre a influência da avó no seu interesse pela costura e a transmissão destas habilidades. Desde adolescente, M1 estava próxima da moda, mas não havia pensado em trabalhar nesta área.

“...quando era adolescente, eu fazia corte e costura, porque eu gostava. A minha avó costurava e eu aprendi... eu fazia um monte de roupas para as amigas. Quando eu tinha 15, 16 anos. Eu fazia as minhas roupas. Minha avó me ensinou também a costurar desde cedo. Então, tinham algumas amigas que eu fazia e me davam dinheiro, né. Ganhava alguma coisa...” (M1, 47 anos).

“Minha avó costurava muito bem e ela que me ensinou. Eu pegava, ficava vendo, observando...” (M1, 47 anos).

Como ressalta Dias de Andrade (1997), há famílias onde todas as gerações se dedicam a uma única profissão. Desta forma, muitas vezes, fica difícil escolher uma profissão diferente, pois não se pode romper com esse legado. A autora pontua que existem muitos adolescentes sendo forçados a seguir carreiras familiares que podem estar totalmente desvinculadas de suas realidades pessoais.

A1, no decorrer da entrevista, citou vários exemplos de adolescentes que sofrem influência na escolha profissional por parte da família, havendo, algumas vezes, uma perpetuação de determinada profissão, nas diversas gerações familiares.

“... tem aqueles que a família quer que faça alguma coisa, não apóia a profissão que eles querem...” (A1, 17 anos).

“... tem um ex-namorado de uma amiga minha, que ele vai fazer medicina, mas assim, às vezes, a gente sente que ele não quer fazer medicina... é mais aquela coisa que a família dele toda... toda a família dele faz medicina” (A1, 17 anos).

“... o meu namorado... por exemplo, ele vai fazer direito, eu acho que ele gosta do direito, né... mas assim, eu não sei se é pela família dele inteira ter feito direito: o pai dele fez direito, os avós dele fizeram direito, a mãe dele está cursando direito agora...” (A1, 17 anos).

“Tem um menino lá da sala que ele passa a aula inteira, o tempo todo ele está desenhando, ele gosta muito de arquitetura... e ele está o tempo todo criando e ele gostaria de fazer isso, mas ele fala que não vai fazer, porque a família não quer... quer que ele faça direito...” (A1, 17 anos).

É interessante o exemplo que a adolescente cita no relato acima. Ele se assemelha à família dela que valoriza bastante as profissões tradicionais. Principalmente, ao fato de o pai dela ter feito direito e enaltecer à exaustão esta profissão, pela qual a sua irmã acabou optando.

A próxima fala também é significativa, pois ela relata sobre um outro adolescente cuja família deseja que faça administração para no futuro administrar a empresa do pai. Semelhante ao que acontece na história dela, onde irá optar pela moda para, provavelmente, dar continuidade à confecção de sua mãe.

“...tem uma outra pessoa que estudava comigo, que ele vai fazer administração e todo mundo sabe que ele vai fazer pra no futuro administrar a empresa do pai dele. Eu acho que ele se sente meio obrigado a dar uma continuidade no empreendimento da família...” (A1, 17 anos).

Já na F2, ao ser questionado sobre o que a família comenta em relação a sua escolha profissional, A2 pontuou que eles falam que ele tem que fazer medicina.

“(risos) Eles falam que eu tenho que fazer Medicina” (A2, 17 anos).

“A minha mãe, desde o começo, quando eu falava que queria fazer medicina veterinária ela falava: Não, tem que fazer medicina! Desde o início, ela sempre quis que eu fizesse medicina. Também pelo dinheiro... Meu pai falava assim: Você pode fazer qualquer outra faculdade, mas desde que você entre para uma pública.”

(risos) *Se for medicina, até pago a particular, mas ele queria que eu fizesse medicina também. A medicina ele falava, que se eu gostasse um pouco pelo menos, pra eu tentar ir por este caminho, que é o melhor*” (A2, 17 anos).

“Minha irmã, eu quase nunca falo sobre isso. E, meu irmão, ele falava também a mesma coisa que meu pai. Posso escolher o que eu quiser, mas se eu gostar um pouquinho que seja de Medicina, pra eu encaminhar pra este lado, que é o melhor” (A2, 17 anos).

Ao ser questionado sobre como se sente em relação a tais opiniões, A2 relatou se sentir pressionado. Ao final da fala, A2 comete um ato falho, dizendo que não há nada na medicina de que ele irá gostar.

“Pressionado (risos), pressão em cima de mim. Tem que fazer Medicina! Cada hora eu recebo uma informação nova sobre medicina e, às vezes, eu gosto e, às vezes, eu falo...” É isso? Será que eu vou fazer isso?” Mas indo pro lado que se eu for fazer, se eu conseguir passar pra medicina, se eu for pro lado da ortopedia ou da medicina esportiva, eu acho que não tem nada ali que me assuste, que eu não vá gostar. Eu acho que não tem nada ali que eu vá gostar, não.” (A2, 17 anos).

Ao final da próxima fala, A2 evidencia o desejo do avô de que a mãe seguisse a profissão dele.

“Meu pai sempre me contou que desde pequeno, ele gostava de fazer bonequinho de massinha e botava alguma coisa dentro, depois ficava brincando de abrir o boneco pra tirar a coisa que tinha ali. E, minha mãe também sempre gostou de medicina, até porque, mas aí eu não sei se foi pressão do pai, porque meu avô também fazia medicina” (A2, 17 anos).

A2 também disse que ficaria com a consciência pesada, caso fizesse uma escolha que não fosse a Medicina, mostrando que se sentiria culpado por não estar acatando o projeto que os pais idealizaram para ele. De acordo com Chemin (2006), o sujeito pode se constituir tanto como culpado quanto como devedor.

“Eu não sei, acho que eu ficaria com a consciência pesada (risos). Dos meus pais, que eles queriam tanto que eu fizesse Medicina, que eu ficaria meio equilibrado, sabe? Porque eu não saberia o que fazer, mas eu acho que eu escolhi mesmo por mim, não por eles” (A2, 17 anos).

O adolescente relatou o número de médicos que tem em sua família.

“Da minha mãe... a minha avó era médica, meu avô era médico, fazia faculdade de Medicina, mas eu não sei se terminou, mas acho que terminou sim, acho que era médico. E, do lado do meu pai, meu avô não fez medicina, minha avó muito menos. O meu pai fez medicina e meu tio fez Engenharia. Aí, do meu pai, só meu irmão que fez, está fazendo medicina e minha irmã que está fazendo odonto... Avó, avô, mãe, pai, meu irmão (risos), pra mim já é muita gente” (A2, 17 anos).

Chemin (2006) acredita que a discordância de um dos membros da família pode gerar um sentimento de angústia no grupo, que pode puni-lo com isolamento e solidão. Para Falcke e Wagner (2005), a frustração da expectativa familiar, a recusa de cumprir certa função poderá gerar sentimentos de abandono. Como pode ser visto, na Família 2, a medicina está presente em três gerações.

Ao ser questionado sobre qual seria a reação da família, caso ele optasse por um curso diferente da medicina, A2 respondeu que os pais se queixariam bastante.

“Eu ia ouvir muito dos meus pais, mas eu acho que eles não brigariam. Eles não brigariam, se eu estivesse escolhido isso e tal, mas eu ficaria pressionado né? Ah, porque você não fez medicina? Seus pais não são médicos? Por que você não fez medicina?” Isso acho que isso seria uma pressão muito maior, do que eles mesmos pressionando, porque eles com certeza não pressionariam, e sim os outros, sabe? Pressão de fora” (A2, 17 anos).

O adolescente falou sobre a pressão recebida por sua família, pelo fato de ambos os pais e avós serem médicos. Pontuou que a maior influência que ele recebeu foi de sua família e que a sociedade também valoriza esta graduação.

“A pressão é a pior. Na escolha, a pior parte é a pressão. É muito difícil, quando os seus dois pais são médicos, fica mais difícil ainda. O Meu avô era médico, minha avó era médica, meu irmão fez Medicina, então, fica muito difícil, fica muita pressão em cima. A maior pressão é da família. Claro que a sociedade impõe isso também, né? As profissões são medicina e direito, são as duas faculdades da sociedade, que agora está todo mundo fazendo. Mas a minha profissão não foi escolhida pelas pessoas de fora, foi mais pela família” (A2, 17 anos).

Ao ser questionado sobre o porquê da escolha da medicina, A2 falou sobre a influência dos pais, o retorno financeiro e o fato de gostar de cuidar das pessoas. Além disso, comentou sobre a incerteza em relação a esta opção.

“Por que eu vou escolher? Porque tem os meus pais, pelos meus pais também. Claro, lógico que isso influencia, pelo dinheiro e por eu gostar também. Eu gosto desta área de humanas, eu gosto de cuidar das pessoas, de animais, de ser vivo né, eu gosto desta área e foi por isso que eu escolhi. Mas eu não tenho certeza...” (A2, 17 anos).

P2 parece ser bem próximo de A2 e, durante a entrevista, relatou diversas vezes a sua semelhança com o filho e fez diversos elogios, comparando A2 com os demais filhos.

“...eu não sei o que ele vai ser não... Ele é um cara muito observador, eu vejo que A2 é o mais perspicaz de todos os meus filhos, apesar de ser o mais mimadinho, porque era o filhinho do papai e da mamãe, o netinho e tal, mas ele é mais esperto. Ele sabe muito mais coisas do que os outros” (P2, 55anos).

“...mas é aquele negócio, eu me identifico muito com ele, porque eu sei que ele tem potencial, eu sei que ele tem, eu sei que ele é inteligente...” (P2, 55anos).

De acordo com Chemin (2006), quando o vínculo de filiação tem um funcionamento predominantemente narcisista, o filho é transformado em extensão dos pais, dificultando o aparecimento de características próprias, tornando o filho apenas uma repetição da história familiar, sendo impedido de construir um caminho diferente do esperado e desejado pelos pais.

Em relação à sua escolha profissional, P2 relatou que desde pequeno tinha interesse pela medicina e que gostava de ir ao consultório do seu pediatra, pois tinha empatia por ele e se encantava com os equipamentos da sala.

“Desde pequeno, eu me lembro que eu ia ao consultório de um pediatra... e achava o máximo quando ele ligava aquelas luzes, botava banho de luz... Eu tinha empatia nele, né? Mas aquele terno, aquela malinha, eu achava aquilo o máximo e gostei da coisa. Quando era criança, eu dava injeção nos bichos de pelúcia, rasgava as costuras pra ver o que tinha dentro (risos). Alguém se cortava, eu não tinha aquele negócio de “Ai machucou!”! Eu ia lá e mexia, eu nunca tive medo, nem desconforto de ver alguém sangrando, eu acho que foi daí” (P2, 55anos).

P2 falou sobre o desejo que o pai tinha de que ele fizesse engenharia. No entanto, ele não se identificava com o curso. Vale ressaltar que o irmão mais velho acabou seguindo esta área, realizando o desejo de seu pai de ter um filho engenheiro na família. Depois que P2 passou para a faculdade de medicina, seu pai ficou muito orgulhoso, pois não imaginava que o filho tivesse possibilidade de entrar neste curso.

“Meu pai sempre forçou a barra para que eu fizesse Engenharia. Como meu irmão era um cara muito bom em matemática, um excelente aluno, aí ele falou: faz Engenharia! Na época, ser engenheiro era uma coisa fácil, você se formava e estava empregado... o engenheiro, hoje em dia, virou praticamente um faz tudo dentro de uma firma. E eu falava: Vou fazer Medicina”. Meu pai me questionava se eu ia fazer medicina e dizia que eu não era tão estudioso assim pra fazer Medicina...” (P2, 55anos).

“Ele não me viu formado. Quando ele morreu, eu estava no 4º ano de medicina, mas ele tinha muito orgulho disso. Eu sei porque papai conversava com o meu padrinho que eu o tinha surpreendido, que ele achava no início que eu não ia conseguir, que ele estava tranqüilo agora, que eu já estava encaminhado, que eu estava na faculdade, ia ser médico e dali não tinha como não ser médico mais” (P2, 55anos).

Já M2, ao ser questionada sobre o porquê dela ter escolhido a medicina, relembrou o desejo que o pai tinha de que algum dos filhos fosse médico ou dentista, que eram as profissões que ele exercia. Pode-se observar a transmissão geracional em relação à valorização da área biomédica, principalmente, os cursos de medicina e odontologia. Esta valorização ainda se faz presente na geração atual.

“Meu pai era dentista e, depois de uma certa idade, acho que ele já tinha 40 anos, ele foi fazer medicina. Então, ele fez medicina e aí o sonho dele era ter alguém que fizesse medicina ou que fizesse odontologia. No caso, eu como filha mais velha, eu tinha... vamos dizer assim, eu me sentia no compromisso de realizar aquilo, porque os meus irmãos eram mais novos e, naquela época, eram surfistas, ninguém queria estudar” (M2, 53 anos).

Como foi visto anteriormente, a escolha profissional é influenciada pela visão positiva ou negativa da profissão dos pais e a relação deles com o trabalho. Ela está ligada às profissões das gerações anteriores e aos papéis desempenhados, pelo membro que irá escolher, dentro da dinâmica familiar.

Devido ao fato de os irmãos não gostarem de estudar e da irmã não ter o interesse pela medicina, M2 se sentiu no compromisso de realizar o sonho de seu pai, que era ter um filho médico.

“É uma irmã e mais três irmãos. A minha irmã estudava, mas não pretendia fazer medicina, nem odontologia. Os outros dois não queriam nem fazer nada (risos). Então, eu sentia a vontade de realizar o sonho do meu pai, mas era dentro do que eu gostava, né? Eu não me lembro do momento em que eu determinei: É

Medicina! Eu sei que eu sempre fui pela área biomédica. Naquela época, não tinha esta divisão: enfermagem, fisioterapia... só tinha odontologia, acho que psicologia e medicina, então, como eu gostava e eu sabia que era a realização do meu pai, de repente, eu tendi mais por esta... Não que ele pressionasse. Eu sabia que ele queria, gostaria, né?” (M2, 53 anos).

Como já foi ressaltado, a pessoa pode se sentir culpada por não estar acatando o projeto dos pais. Assim, aconteceu com M2, que se sentiu no compromisso de seguir a profissão que o pai havia idealizado para ela. Caso não seguisse este curso, poderia se sentir como devedora de seus antepassados, com uma dívida que poderia se subjetivar em culpa (Chemin, 2006).

Ao ser questionada sobre a profissão de sua mãe, M2 disse que era do lar. Vale ressaltar que A2, em sua entrevista, havia falado que a avó materna era médica. Pode ser que devido à pressão recebida, A2 tenha se confundido e aumentado o número de médicos na família, que segundo ele, já são muitos.

M2 contou com entusiasmo a satisfação que o pai ficou ao vê-la cursando medicina. Na fala seguinte, pode-se observar a transmissão geracional, pois M2 passa para os filhos suas vivências e tudo o que já ouviu de seu pai sobre esta profissão. Não se pode negar que a história de vida do sujeito encontra-se influenciada por conteúdos do seu passado, vindo das gerações anteriores.

“...eu passei pelo menos o ano com ele satisfeito né? Ele ficava muito satisfeito quando eu ia até lá no hospital. No primeiro dia que eu entrei na faculdade, ele queria que eu já estivesse trabalhando com ele no hospital. Ele levava a gente pra atender junto com ele, pra ver como era o atendimento, tanto a mim quanto a minha irmã, ele gostava... porque ele sabia que eram as duas que estudavam, que podiam fazer alguma coisa né? Vamos dizer assim, eu tento passar isso para os meus filhos, acho que vai ser bom pra eles, se eles já vivem isso, né? (M2, 53 anos).

“...A2 devia ter uns 4/5 anos, o paciente ligou pra cá e falou que: Ah, eu precisava localizar sua mãe, eu preciso falar com ela, é porque meu filho está com febre, aí A2 falava assim: Olha, minha mãe não sei onde que ela está, mas

quando a gente está com febre ela dá novalgina pra gente (risos). Quer dizer, eu falei assim: A2 você tem que ser médico, não tem jeito” (M2, 53 anos).

P2 terminou a entrevista dizendo que influencia os filhos para que eles façam o curso de medicina e que nunca mostraria o lado negativo desta profissão.

“Se é influenciar, então, eu influencio mesmo, eu nunca vou mostrar o lado negativo de ser médico, o negativo não, eu vou mostrar o negativo, mas dizendo que se isso aconteceu por este motivo aqui, foi porque o cara não fez o lado positivo direitinho (risos)” (P2, 55anos).

De acordo com Andrade (1997), é no seio familiar que é estruturada a personalidade ocupacional do sujeito, onde formarão as bases e os principais aspectos que guiarão as relações do sujeito com o mundo do trabalho.

3. Valorização das profissões tradicionais

De acordo com A1, a mãe não a incentivou quando ela optou pelo curso de moda, mas a incentivou, quando ela pensou em escolher o curso de Medicina.

“... quando cismeiei que iria fazer medicina, minha mãe apoiou, falou que eu poderia fazer, mas tenho plena consciência de que eu não passaria numa faculdade pública. Então, ela até falou que se fosse realmente o que eu queria, ela poderia pagar uma particular, se esforçaria... mas eu vi que não tem muita necessidade de eu fazer direito... é... medicina! (risos) Não tem muito a ver comigo não” (A1, 17 anos).

A adolescente, no relato acima, comete um ato-falho, pois ao invés de falar medicina, fala a palavra direito. Medicina e direito são dois cursos tradicionais. Como a irmã já optou pelo curso de direito, não há necessidade de ela optar por uma profissão tradicional, podendo fazer uma outra escolha. Ou pode-se interpretar que, como a irmã já seguiu a profissão do pai, A1 está livre para escolher outro curso.

P1 demonstrou, através do seu discurso, não possuir o interesse de que a filha curse a faculdade de moda, como primeira opção. Relatou que investiu muito nos estudos dela, em colégios particulares, portanto ela deveria tentar uma graduação nas universidades públicas.

“...eu disse a ela o seguinte: que a gente, ao longo dos anos, vem preparando o estudo dela pra que ela pudesse entrar numa faculdade, seguisse uma carreira, e seguisse a vidinha dela normal, dentro da expectativa que nós pais temos do filho. O filho vai fazer uma carreira, vai estudar, vai passar para uma faculdade pública.” (P1, 48 anos).

“Quando ela falou Moda, eu não acho que seja a cara dela. Ela é muito vaidosa, ela é muito cuidadosa com ela, se enfeita toda, se maquia toda, ela tem todo um cuidado com ela, com a apresentação dela, em compensação, com o redor, nada” (P1, 48 anos).

No próximo relato, P1 apresenta um discurso contraditório ao dizer que não vai encorajá-la a fazer moda e, posteriormente, diz que a incentiva.

“Ela se preocupa com ela, é impecável, está sempre bonitinha, mas o quarto é bagunçado. Então, eu falei: pô, você não tem perfil pra este negócio. Mas, eu não tiro... como é que fala? Não vou... desencorajá-la. Eu incentivo. O que eu falei para ela é que eu achava que deveria tentar procurar outro tipo de atividade que ela tenha uma certa afinidade ou que não seja tão penosa pra ela fazer, para que tente o vestibular, numa faculdade pública” (P1, 48 anos).

Conforme ressaltado por Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), antigamente, era natural que os pais escolhessem a profissão para os filhos. No entanto, ocorreram diversas mudanças sociais e, hoje em dia, existem centenas de cursos de graduação. Existem, também, diversas pós-graduações e cursos técnicos. Desta forma, houve um crescimento das oportunidades de escolha, trazendo dificuldades, pelo fato de alguns pais não terem acompanhado estas mudanças, sendo que, diversas vezes, não preparam seus filhos para elas.

Os pais, em geral, possuem opiniões sobre qual curso seria a melhor opção para o filho e que este poderia desempenhar bem. Preocupam-se com um futuro bem-sucedido e com um trabalho adequadamente remunerado, por isso, muitos afirmam que é preciso ter um bom salário e participar ativamente no mercado de trabalho.

A forma como os pais falam das profissões, a maneira como eles valorizam uma determinada atividade ocupacional, tudo isso influencia o jovem na hora da escolha. Desta forma, conceitos e preconceitos são passados ao adolescente mesmo que os pais não percebam.

No próxima fala, P1 deixa clara a solicitação que fez para que a filha fizesse o vestibular para uma faculdade pública, demonstrando o quanto valoriza o ensino nas universidades públicas.

“...no futuro, se ela entrar na carreira de moda e ver que não é aquilo que ela quer, ela pelo menos não perdeu esta oportunidade que tem de entrar numa faculdade pública. Então, eu falei: “tenta ver uma faculdade de uma carreirinha que você tem uma pequena afinidade, ou pelo menos que você sinta que cursá-la não vai ser tão penoso, pra não perder a oportunidade de entrar numa faculdade. Se possível, cursa as duas... parece que moda não tem em entidade pública, né” (P1, 48 anos).

M1 pontuou que o curso de moda deve ser uma segunda opção, o que vai ao encontro do relato de A1, que também acreditava na mesma premissa, não sabendo explicar o porquê. Parece que A1 sustenta o discurso da mãe.

No próximo discurso, M1 inicia a fala com duas negativas em relação ao fato de apoiar a filha na opção pelo curso de moda. Além disso, apresenta uma fala contraditória ao dizer o que acha sobre esta faculdade, relatando que primeiro deve-se pensar naquilo de que gosta, no entanto, depois muda a frase dizendo que o mais importante é optar por uma carreira que vai “encaminhar a pessoa na vida.”.

“... eu sinto assim, não que eu não vá apoiar ela na moda. O que eu penso da moda: a faculdade de moda, ela tem que ser como uma segunda opção. Pra mim, ela funciona como uma segunda opção na sua vida” (M1, 47 anos).

“Primeiro, você faz aquilo que você gosta... acho que isso é um pouco de tradicionalismo meu também. Acho que isso é um pouco do meu tio também. Primeiro, você faz uma faculdade que vai te encaminhar na vida. Eu acho que isso é um tradicionalismo meu. E aí, você depois busca o prazer, que é a moda, que é a arte..” (M1, 47 anos).

Segundo reportagem da revista Veja de 11 de novembro de 2009, nos tempos do Império, no século XIX, os diplomas de medicina, direito e engenharia (primeiros cursos universitários criados no Brasil) eram símbolo de distinção social. Hoje em dia, muitos adolescentes brasileiros continuam sonhando em se tornar médicos, engenheiros e profissionais do direito, como demonstra o ranking dos cursos mais disputados pelos vestibulandos. Talvez, os salários acima da média e a relativa facilidade para entrar no mercado de trabalho são parte da explicação para a alta procura desta tríade de cursos clássicos. Estas são algumas vantagens objetivas que reforçam a tradição destas carreiras. Muitas vezes, esta visão positiva das profissões tradicionais faz com que os pais acreditem que elas sejam as melhores opções para seus filhos.

O pai de A1 falou sobre o seu desejo de que A1 optasse pelo curso de direito. No seu discurso, enfatizou diversas vezes a palavra direito e também alguns cursos mais tradicionais.

“Na minha opinião, quem não sabe o que vai fazer, tem que fazer direito. Fazer direito. Quando falo direito, fazer direito, no sentido de, tem que fazer uma opção direita, então é fazer o direito mesmo. Porque, hoje, uma pessoa que não sabe, não tem vocação para ser nada, vá fazer direito. É fácil, não é difícil, é uma faculdade que você consegue levar de certa forma, tranqüila, não tem grandes elucubrações de cálculos e tal... aquela pessoa que não tem perfil pra ser nada, vai conseguir se adequar ao direito” (P1, 48 anos).

“Isso foi uma opção que eu dei a ela, comentei, mas falei em assistente social, em administração de empresas, mas administração de empresas tem cálculos, falei da dificuldade. E, com relação à moda, eu estou dando apoio a ela, mas acho que

ela não vai se adequar, pode ser que eu esteja enganado, espero eu que esteja.” (P1, 48 anos).

Ao falar sobre A1 e suas escolhas, M1 recai, novamente, no tradicional, ao relatar que até para medicina ou odontologia, ela imagina a filha atuando profissionalmente.

“Então, eu acho que é, exatamente, aquilo que a pessoa se identifica quando estuda, depois a prática do dia a dia, você também aprende a gostar de fazer um monte de coisa que você nunca imaginou, né. Então, eu vejo assim, até pra medicina e dentista, eu vejo A1” (M1, 47 anos).

No decorrer da entrevista, M1 mantém o discurso valorizando os cursos tradicionais, incentivando A1 a optar pelo curso de medicina, demonstrando que para o tradicional, todos os investimentos são justificáveis.

Comenta que a filha gosta muito da medicina, no entanto, parece que é mais um desejo da mãe do que um desejo de A1.

“...por conta da habilidade, porque ela gosta da medicina. Eu vejo muito isso. Só que a preocupação dela é “se eu não passar”, eu falo: se é Medicina que você quer, tenta Medicina. Aí ela fala: “Mãe, é muito difícil passar!” É difícil passar, mas não é impossível. Até a particular, se você for fazer Medicina, eu vou deixar de fazer um monte de coisa na minha vida, de trocar carro toda vez no ano, vou vender meu carro para você poder fazer a sua faculdade, eu faço o que precisar, mas você vai fazer, nem que seja particular” (M1, 47 anos).

Enquanto o pai exalta o Direito, a mãe opta pela Medicina. O que vale considerar que são dois dos cursos mais tradicionais que existem. Observa-se que, nesta família, há uma valorização das profissões tradicionais.

A família influencia, em todos os sentidos, criando trajetórias, ou seja, padrões de comportamento, que podem interferir de modo positivo ou negativo no momento da tomada de decisão. É importante destacar que muitos pais consideram as profissões clássicas, como direito, medicina, engenharia, e outras, como as mais promissoras. Demonstrando, mesmo que seja de forma indireta,

suas rejeições por carreiras que supostamente remuneram mal e não gozam de prestígio social.

Sendo assim, estão agindo com representações tradicionais, utilizando critérios como: ganhar muito dinheiro e posição de prestígio. Não compreendem que, atualmente, o mundo ocupacional não pode ser rigidamente dividido entre profissões que dão dinheiro e as que não dão dinheiro. Existem ocupações consideradas boas ou mal remuneradas que estão igualmente distribuídas pelas diversas áreas de trabalho e especializações dentro do curso.

M1, no decorrer da entrevista, mantém o discurso de que a moda continuará sendo segundo opção. Parece não haver uma valorização dos cursos que são mais modernos e recentes, incentivando A1, apenas para fazer as graduações que são mais antigas e tradicionalistas. O interessante é que a própria M1 utiliza a palavra tradicionalista em seu discurso.

“Pra mim, continua sendo a segunda opção (risos). Porque eu acho que isto é criação. Se você perguntar... o filho da minha sócia sabe o que ele quer fazer? Gastronomia. Aí ela fala: Você vai fazer isto quando você já tiver formado em alguma coisa direito! Você não vai pra área de gastronomia não! Então, eu acho que foi a minha criação... eu tive esta criação muito tradicionalista. Mas não quer dizer que eu não vá aprovar”. (M1, 47 anos).

“Por exemplo, a irmã de A1 tem uma amiga, que ela é toda o pai, tem muito dinheiro, a mãe tem dinheiro e eles são uma família simples, que não tinham nada e cresceram. Hoje, ele tem negócio de refinaria, trabalha com gasolina, distribuição. E, ela é uma pessoa assim, que ela fez tudo, fez administração e outros cursos... Sabe o que ela está fazendo e está amando? Negócio de cinema. Eu só falava assim: Ah filha, se fosse você, você ia fazer primeiro administração, qualquer faculdade normal, para depois fazer estas coisas aí. Isso aí é segunda opção!” (M1, 47 anos).

“...por exemplo, a irmã de A1 queria fazer sociologia, aí eu pensei: “gente, ela dando aula”, fiquei logo preocupada. Eu acho que quando ela terminar a faculdade, ela vai fazer sociologia. Porque ela gosta, ela se identifica com isso.

Mas aí, ela já pensou mais tradicionalista como a gente e fez o direito” (M1, 47 anos).

Já, P2 comentou sobre o fato da filha mais velha não ter passado para medicina, por ela não gostar de estudar. Pontuou sobre o retorno financeiro do médico e a sua visão em relação às novas graduações existentes. Em alguns momentos, parece desvalorizar os outros cursos que não são tão tradicionais como a Medicina.

“...ela falava que ia fazer medicina, mas não sentava pra estudar, chegava em casa e no máximo fazia o dever de casa, aí eu: “oh, medicina, você está fora, não tem condições, você não vai passar”. Fez o vestibular, não passou, foi chamada pra odontologia. Odontologia já foi a época em que você ganhava dinheiro, que você tinha realização, você podia sonhar... Mas aqui em casa, por exemplo, eu e minha esposa somos médicos, nós estamos num nível de situação financeira que não é nenhuma maravilha, mas é confortável ...” (P2, 55anos).

“A orientação que eu passo para A2 é: não gosta da área tecnológica, porque nunca pensou em fazer, a parte de direito também não... Então, como eu sou de uma época que ou você seguia humanas ou biomédica ou tecnológica, não existia essa gama que tem agora... A classe médica é uma classe que ela não vai acabar, ela até está perdendo a identidade do médico, de terno com aparelhinho que ia na casa da pessoa, mas você ainda é tratado com respeito...” (P2, 55anos).

Em seu discurso, M2 parece valorizar as profissões mais tradicionais e ressalta que os filhos da sua irmã estão bem profissionalmente, pois um fez engenharia e o outro fez direito.

“Mas é aquele negócio ou você, vamos dizer assim, ascende por casamento (risos) ou por nascimento ou por profissão. Ou por profissão ou você é muito inteligente pra galgar uma posição muito boa. Então, os filhos da minha irmã todos dois são formados, um é engenheiro, o outro fez direito, estão todos dois assim bem”. (M2, 53 anos).

As profissões tradicionais estavam presentes na escolha do pai de M2, pois depois de fazer odontologia e medicina, ele foi fazer o curso de direito.

“...dois anos depois que ele terminou a medicina, ele morreu. Mas ele já estava fazendo a faculdade de direito, quando ele morreu. (risos) Porque ele aí se separou da minha mãe, nestes dois anos, então ele falou assim: Eu vou fazer direito pra saber como que eu vou agir neste negócio de separação! E ele já estava fazendo direito, então, ele gostava mesmo de estudar” (M2, 53 anos).